

# Derivações semânticas das raízes \*mn e \*mr

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA\*

Em português *mnemónica* e *memória* são duas palavras que, apesar de terem radicais distintos, se inserem na mesma área semântica. Estudar o comportamento destes dois radicais nas línguas antigas permite compreender melhor as afinidades de sentido entre, por exemplo, *to mind* e *to remind*, em inglês, ou entre *mémoire* e *morne*, em francês. Numa primeira parte do nosso trabalho analisaremos as derivações semânticas da raiz \*mn em grego antigo e em latim e a sua pervivência nas línguas vernáculas; num segundo momento, ocupar-nos-emos da raiz \*mr, presente no radical *mor-* em palavras como *mourn*, *memória*, *mémoire*.

A raiz indo-europeia \*mn originou em grego antigo o radical  $\mu\nu$ - que a língua conservou nos vários graus:  $\mu\epsilon\nu$ - (grau e-),  $\mu\omicron\nu$ - (grau o-),  $\mu\nu$ - (grau zero) e  $\mu\alpha\nu$ - (grau zero com desenvolvimento de alfa breve); em latim, foi mais profícuo o grau *-o* (*mon-*), surgindo o grau *e-* (*men-*) em geral com um alargamento em dental (*-t-*). Na língua grega a raiz originou um feixe semântico que a ideia original de «lembrança» e «memória» enriquece e que sistematizámos em seis quadros. As diferentes áreas semânticas, objecto de estudo, estão exemplificadas com palavras de várias línguas indo-europeias. Num primeiro quadro, apresentamos palavras que remetem para essa ideia primeira de «lembrar», «recordar», «ter no espírito». Num segundo quadro, encontramos o radical ao serviço de uma acepção ligeiramente diferente, mas

---

\* Professora Auxiliar da Universidade de Lisboa e da Universidade Católica de Lisboa.

que também parte do uso da mente: «imaginar», «inventar» e «mentir». O terceiro quadro é constituído por vocabulário funerário, área fecunda em grego que deixou vestígios no latim *monumentum sepulcri*. A ideia de conselho e de admoestação encontra-se com o radical no grau o- e provém da língua latina com *monitum* e *monitor*, como fica sistematizado no quarto quadro. A noção de impulso e de ardor presente no substantivo grego μένος, em que temos o radical no grau e-, permite compreender o surgimento deste em vocábulos que remetem para a loucura (*mania*, *maníaco*) e a transcendência (*-mancia*), como fica registado no sexto quadro. E talvez seja a confluência neste mesmo radical das ideias de desejo e de pensamento que lhe permite aparecer em termos que remetem para a acção de «pretender uma mulher em casamento», acepção que quase todas as línguas vernáculas desprezaram, mas que o grego moderno ainda mantém em μνηστεύω e μνηστεία (quadro n.º 5).

### QUADRO n.º 1:

Lembrar, recordar, pensar, ter no espírito

μν-/ μεν-  
men-/ ment-

Sânscrito:  
*mányale*, «pensar»

Grego:

μνησκόω (o tema mais importante é o perfeito: μέμνημαι), μνήμη, «lembrança» com uma dimensão psicológica, diferente de μνήμα, «lembrança objectiva e material», μνάομαι (μνώμαι), «ter em mente», «lembrar», μνηστήρ, «aquele que recorda», μνήστειρα, «aquela que recorda», μνήμων, «aquele que se recorda», «aquele que tem boa memória» (frequente em compostos como ἀμνήμων, «esquecido», μνημοσύνη, μνημόσυνοι, «coisas memoráveis», μνημόσυνος e μνημονικός, «que diz respeito à memória», «que tem boa memória», μνημονεύς (tardio) e μνημονεύειν «registo», μνημονεύω «lembrar» e «lembrar-se» (frequente com preverbios como ἀπο-, δια-, κατα-), μνήστις, «acto de pensar», «acto de se lembrar» (compostos com a primeira parte μνησι-: μνησίθεος, μνησιπήμων, μνησιδώρεω, μνησικάκος, μνησικακέω, μνησικακία, μνασιχολέω; antropónimos como Μνήραρχος, Μνησίλεως (homérico), Μνησίμαχος, Μνησιπτόλεμος, Μνησεύς, Μνησικός, Μναςώ; compostos (antropónimos) com a segunda parte -μναστος: Αρίμνηστος, Εὐμναστος, Αἰμινάστω, Αἰμινώ), ἀμνηστία, ἀνάμνησις «lembrança», «reminiscência», μνεία, «lembrança», «menção» (de \*μναία), μειοινάω (homérico), «sonhar com», «meditar»

## Latim:

*mens*, «mente», *mentio*, «menção» (apelo ao pensamento ou à memória), *commentarius*, «livro onde se anotam as memórias», *commentari*, «ter no espírito», «voltar a pôr no espírito», *amens* e *demens*, «sem pensamento», logo, «desvairado» (o grego tem μένωμαι% ( *me-min-i*, *me-men-to*, «ter presente no espírito», «lembrar-se»; compostos como *reminiscor*, «recordar-se», «voltar a pôr no espírito»

## Alemão:

*meinen*

## Inglês:

*mind* (alargamento em dental)

## Francês:

*mentionner*, *mention*, *réminiscence*

## Português:

*menção*, *mencionar*, *reminiscência*

## Grego moderno:

μνήμη, «memória», μνημονεύω, «recordar», μνεία, «menção»

O radical no grau zero (μν-) surge no verbo μμνήσκω, que significa «recordar»<sup>1</sup>. E há muitos vocábulos gregos com este radical no grau zero, que remetem para pensamento, memória e recordação: μνήμη, «lembrança», que prevaleceu em grego moderno; μνάομαι, «lembrar»; μνηστήρ, «aquele que recorda»; μνήστειρα, «aquela que recorda»; μνήμων, «aquele que se recorda» ou «aquele que tem boa memória» (frequente em compostos, como ἀμνήμων, «esquecido»); μνημοσύνη, «memória», «lembrança» e também o nome da mãe das musas; μνημόσυνα, «coisas memoráveis»; μνημόσυνος, ou μνημονικός, «o que diz respeito à memória», «que tem boa memória»; o verbo denominativo μνημονεύω, «lembrar» ou «lembrar-se», igualmente presente na língua grega contemporânea; μνήστις, o «acto de pensar» ou «de se lembrar». A partir deste último substantivo há muitos compostos μνησίθεος, «o que se lembra dos deuses», «piedoso»; μνησιπύμων, «remorso»; μνησιδώρῳ, «não se esquecer de oferecer presentes», entre tantos outros.

<sup>1</sup> O sufixo -σκ- exprime a realização de um processo depois de repetidos esforços é muito usado com preverbiais, por vezes mais do que um συναναμμνήσκω.

Em português temos *mnemónica*, *amnésia* e *amnistia*, que provêm, os dois primeiros, por intermédio do latim, do grego *μνημονικός* e *ἀμνησία*; o terceiro, do vocábulo grego *ἀμνηστία* com influência do francês *amnistie*. Todos estes termos científicos remetem seja afirmativamente seja negativamente para a ideia de memória. Mantendo a mesma associação semântica, mas com o radical no grau –e, temos o homérico *μεινιύω* «pensar», «sonhar com», «meditar». Este radical no mesmo grau e com um alargamento em dental originou na língua latina termos como *mens*, *entis*, «espírito»; *mentio*, «apelo ao pensamento ou memória», daí *menção*; *commentarius*, livro em que se anotam as reflexões, as memórias, ou seja, «memorial»; *commentor*, «ter no espírito» e «pôr no espírito», daí *comentar*; *amens* e *demens*, «sem espírito», daí *demente*. Sobre a ideia de loucura associada a este radical falaremos mais adiante.

Sem o alargamento em dental temos *memini*, «ter presente no espírito», um sentido correspondente ao perfeito grego *μέμνημαι*. Em *memini*, o radical no grau e- (men-) sofreu apofonia (min-). Uma forma como *memento* (imperativo futuro de *memini*) apresenta o radical sem apofonia. É assim que em inglês temos *mind*, com o já referido alargamento em dental, e em alemão *meinen*.

Há vários compostos latinos a partir deste radical: *reminiscor* é «recordar-se», no sentido de «voltar a pôr no espírito», donde *reminiscência* ou *réminiscence*, a partir do latim *reminiscentia*.

## QUADRO n.º 2: Imaginar, inventar e mentir

men- / ment-
<p>Latim:  <i>comminiscor</i>, «imaginar no seu espírito», «inventar», <i>commentum</i>, «invenção», <i>mentiri</i> «mentir»</p> <p>Francês:  <i>mentir</i>, <i>menteur</i></p> <p>Português:  <i>mentir</i>, <i>mentira</i></p>

E da ideia pôr no espírito chegamos, em latim, a «invenção» em *commentum*; *comminiscor* é «imaginar no seu espírito» e, daí, «inventar». Da ideia de invenção chega-se facilmente à da mentira. Com um alargamento em dental o radical men- aparece em *mentior*, «inventar». Recordemos, inventemos ou mintamos o que está em causa é sempre uma actividade do espírito, ou melhor, da *mens*,

cujo μένος pode levar ao acto inventivo. E o que é uma invenção senão pura imaginação, tal como a mentira?

**QUADRO nº 3:**  
Vocabulário funerário

μν-
<p>Grego:</p> <p>μνήμα ou μνήμων, «monumento», «túmulo», μνημεῖον, derivados variados, aplicados a monumentos funerários, como μνημάτιον (título de uma peça de Dífilo), μνημάδιον, «inscrição» (tardio), μνηματίτης λόγος, «oração fúnebre», μνημήιος, «inscrição»</p> <p>Grego moderno:</p> <p>μνήμα, «sepulcro»</p>

A ideia de lembrança permite a este radical ter, no grau zero, um certo relevo no vocabulário funerário. A partir do termo μνήμα, que designa «túmulo» e subsistiu em grego moderno, muitos são os derivados, alguns com aparência de diminutivos, que se aplicam a monumentos funerários.

**QUADRO Nº 4:**  
Aconselhar

mon-
<p>Latim:</p> <p><i>moneo</i>, «fazer pensar», «fazer lembrar», logo, «chamar a atenção para», «advertir», <i>monitus</i> e <i>monitum</i>, «advertência», <i>monitor</i>, «aquele que faz lembrar» e «aquele que aconselha»</p> <p>Francês:</p> <p><i>moniteur</i>, <i>monition</i>, <i>monitoire</i></p> <p>Português:</p> <p><i>monitor</i>, <i>mónita</i>, <i>monitória</i></p> <p>Inglês:</p> <p><i>mind</i></p>

Porque quem lembra faz pensar, o radical, no grau –o, desenvolveu em latim o sentido específico de «advertir», «aconselhar», em *moneo*, verbo causativo, que nos remete para o inglês *mind*, que, além de significar «recordar», também exprime a ideia de «prestar atenção», «notar». Em latim *monitor* é «o que lembra» e, por conseguinte, também «o que adverte»<sup>2</sup>. O radical neste mesmo grau originou ainda *monitus* e *monitum*, «conselho», donde o português *mónita*, *monitor*, *monitória* (admoestação, advertência); e donde o francês *moniteur*, *monition*, *monitoire*. Na nossa língua recorde-se que *monitor* é um termo que designa ou designou o grau mais baixo da docência, desempenhado por estudantes em fim de curso que se distinguiam como orientadores de estudo dos colegas mais novos.

Em grego, o radical no grau –o encontra-se na forma μέμονα. Este perfeito arcaico com onze ocorrências na *Ilíada* (5, 482; 7, 36; 9, 247; 12, 304; 13, 307; 14, 88; 16, 435; 18, 176; 21, 315, 481; 24, 657) tem um sentido que oscila entre «pensar» e «desejar»<sup>3</sup>. A língua grega não associa ao radical a ideia de conselho, como faz o latim, mas leva o pensamento para a área do desejo e daqui facilmente se chega à «pretensão em casamento» e, por outro lado, como o desejo implica um impulso, o mesmo radical consegue, noutro conjunto de palavras, desenvolver em grego antigo o «ser tomado de impulso», «estar louco» e «revelar a vontade divina».

#### QUADRO N° 5:

##### Pretender uma mulher em casamento

μν-
Grego: μνάομαι (μνῶμαι), «desejar ou procurar uma mulher em casamento», μνηστήρ, «pretendente», μνήστειρα, «noiva», μνηστής, «acto de procurar em casamento», μνήστρα, «esponsais», μνηστεύω, «procurar uma mulher em casamento»
Grego moderno: μνηστεύω, «prometer em casamento», μνήστρα, «presentes de noivado»

<sup>2</sup> Este termo servia também para designar o ponto no teatro, especialização que se manteve na língua portuguesa, por via do francês *moniteur*.

<sup>3</sup> Deixamos alguns exemplos: «estou desejoso / por lutar com o homem» (μέμον' αὐτὸς / ἀνδρὶ μαχήσασθαι, 5, 487-8); «como pensas fazer cessar a batalha destes homens?» (πῶς μέμονας πόλεμον καταπαυσέμεν ἀνδρῶν, 7, 36); «se pensas defender, ainda que tardiamente, os filhos dos Aqueus» (εἰ μέμονάς γε καὶ ὅψε περ υἱᾶς Ἀχαιῶν / (...) ἐρύεσθαι, 9, 247); «e assim desejas deixar para trás a cidade dos Troianos de ruas largas» (οὔτω δὴ μέμονας Τρώων πόλιν εὐρυάγυιαν / καλλείψειν, 14, 88).

O verbo *μνάομαι* que, nos poemas homéricos, significa «ter em mente», «sonhar», «desejar» aparece na *Odisseia* com o sentido específico de «pretender uma mulher em casamento (6, 34; 14, 91 *et alia*); o acto de procurar em casamento é *μνηστής* (2, 199; 16, 294; 19, 13), o pretendente é *μνηστήρ*, vocábulo que significa também «o que recorda», como vimos, e *μνήστειρα*, além de ser «a que procura», é, por analogia com a forma correspondente masculina, «a noiva». Nos poemas homéricos encontramos o adjectivo *μνηστής* sempre a qualificar *ἄλοχος* como forma de designar a esposa legítima, ou seja, a mulher pedida em casamento (*Il.* 6, 246; 9, 399, 556; 11, 242) e na língua contemporânea temos *μνηστή* para designar a «noiva».

Em *προμνήστρια*, vocábulo ausente dos poemas homéricos, mas muito frequente na época clássica (cf. Eurípides, Aristófanes, Platão *et alii*) o antigo valor etimológico está bem conservado, pois a palavra significa «a que está casada com». Poderíamos ainda acrescentar outros exemplos que atestam este sentido específico como *μνήστρα*, «esponsais» e *μνηστεύω*, «procurar uma mulher em casamento». Esta é uma área semântica quase completamente ausente das línguas actuais, mas, ainda assim, a ideia de «pretender», embora contextualizada de forma diferente, mantém-se no inglês *mean*.

#### QUADRO Nº 6:

Impulso, fúria, loucura, adivinhação e transcendência

μην- / μαν-  
mon-

Grego:

μένος, ους (pal. poét.), «impulso», «actividade do espírito», compostos como ἀμεινής, «sem força», ἐμμενής, «com perseverança», ὑπερμενής, «muito forte», δυσμενής, «hostil», εὐμενής, «benévolo», ou seja, «com bons pensamentos» (também pode ser nome próprio)

μαίνομαι, «estar tomado de ardor», daí, «estar doido», μανία, «loucura», μαινάς, ἄδος, «ménade» (mulher agitada por transportes furiosos), μάντις, εως, «adivinho», «o que fala com desvairo de espírito», μαντεία, «adivinhação»

Latim:

*monstrum*, «prodígio», ou seja, «o que chama a atenção para a vontade dos deuses», daí «objecto» ou «ser sobrenatural», *monstrare*, «indicar a vontade divina», *mania*, *maniacus* (lat. medieval)

Grego moderno:

μαίνομαι, μανία

Francês:

*manie, maniaque*

Português:

*mania, maníaco*

*necro-mancia, quiro-mancia*

A ideia de furor, ardor ou impulso está presente na palavra μένος, em que o radical se encontra no grau –e. O substantivo aplica-se ao «espírito» que dá vida ao corpo; significa «impulso» e remete para uma actividade física direccionada para uma acção específica, nomeadamente para o combate, daí que o sentido geral seja «ardor ou fúria» manifestada pelo guerreiro em combate. Pode localizar-se no peito (στήθος, *Il.* 19, 202), no coração (θυμός, *Ibid.* 16, 256) ou no espírito (φρήνες, *Od.* 1, 89)<sup>4</sup>. Associa-se aos animais, aos rios, às armas, ao fogo e pode ser sinónimo de βίη.

De μένος provêm inúmeros compostos: ἀμενής, «sem força», ἀμενηνός, epíteto que qualifica as almas dos mortos e também significa «sem força», ἐμμενές, «com perseverança», ὑπερμενής, «muito forte», δυσμενής, «hostil», εὐμενής, «benévolo», ou seja, «com bons pensamentos» e, de novo, voltamos ao campo semântico do pensamento, intimamente associado à lembrança.

Com a mesma ideia de «furor», «delírio» encontramos este radical na língua grega que corresponde em sânscrito ao verbo *mányale*. Sobre o radical μαν-, variante no grau zero com desenvolvimento de alfa breve, se formou o substantivo μανία, «loucura», que tem derivados como μανικός, μανιώδης. O verbo μαίνομαι já atestado na poesia homérica, com cerca de vinte ocorrências na *Ilíada* (5, 185, 717, 831; 6, 101, 132, 389; 8, 111, 355, 360, 413; 9, 238; 15, 128, 605, 606; 16, 75, 245; 21, 5; 24, 114, 135) significa etimologicamente «ser tomado de raiva, delírio, furor». Aplica-se aos guerreiros, aos deuses (Ares, Dioniso), à própria Andrómaca quando se dirige à muralha (*Il.* 6, 389), à lança (*Ibid.* 8, 111), ao coração (*Ibid.* 8, 413), às mãos (*Ibid.* 16, 245), ao espírito (φρήνες, *Ibid.* 24, 14, 145), aos homens ébrios, mas também se pode dizer do fogo (*Ibid.* 15, 606, cf. μένος).

Apesar de o latim recorrer a prefixos (a-, de-) para usar este radical numa acepção semelhante a esta, pois a ideia de loucura parte da perda da *mens* (*amens*, *demens*), por influência grega surge na língua latina um vocábulo como *mania* e, no latim medieval, *maniacus*, donde provém o francês *maniaque*.

<sup>4</sup> Claus considera que μένος é a palavra homérica que designa «força de vida» (D. CLAUS, *Toward the Soul: An Inquiry into the Meaning of yuch, before Plato*, New Haven, Yale University Press, 1981, p. 26).



Talvez porque em grego ao radical está associada uma energia, um impulso, isso permitiu-lhe significar também «estar louco», no sentido de «ser tomado por um furor». O grego moderno mantém *μαίνομαι* e *μανία* para designar a «fúria», a «paixão» e «enfurecer-se». E será possível ver em *μάντις* o mesmo radical com um alargamento em dental e um sufixo -i: o profeta, que é o que este termo designa, seria assim «aquele que é possuído pela divindade»<sup>5</sup>.

A associação deste radical ao divino também se encontra na língua latina com o radical no grau -o e está presente em vocábulos como *monstrum*, «prodígio», ou seja, «o que chama a atenção para a vontade dos deuses», daí «qualquer objecto ou ser de natureza sobrenatural»; e *monstrare* é um termo religioso que significa «indicar a vontade divina».

Em conclusão, quando pensamos em memória, para além da actividade do espírito implícita em recordar, advertir, imaginar e recriar, estamos também a falar em algo que nos ultrapassa, algo de grandioso, que se explica por uma força ou um impulso, enfim, uma forma de transcender a dimensão humana e nos aproximarmos dos deuses, talvez porque o pensamento é realmente o que permite ao homem transcender a sua condição humana.

A segunda tarefa que pretendemos levar a cabo consiste em estudar um outro radical também associado ao pensamento, presente nas línguas vernáculas em vocábulos como *mémoire*, *memory*, *memoria*, provenientes do latim, mas com uma origem indo-europeia, que a língua grega ajuda a esclarecer. O termo *memoria* é formado a partir do adjectivo *memor*, que significa «o que se lembra» ou «o que faz lembrar». *Memorare* ou o composto *commemorare* são verbos com o mesmo radical e significam «recordar» e «celebrar a lembrança de».

E, tal como vimos em relação aos radicais originados pela raiz \*mn, (cf. *monitor*), também *mor-* desenvolve na língua latina a ideia de advertência, *memor* é «o que adverte». Este adjectivo apresenta um redobro intensivo *me-* seguido do radical no grau -o: *mor-*: *memor* provém assim de \*mermor, e o grego atesta de forma clara este redobro intensivo em palavras como *μέμμερος* e *μέμμηρα*, em que o mesmo radical aparece no grau -e.

Mas o nome grego *μέμμερος* permite compreender que o sentido original deste radical remete não para a recordação, mas para o que é penoso, é esta a acepção que o adjectivo tem na *Ilíada* nas suas seis ocorrências como nome comum (8, 453; 10, 48, 289, 524; 11, 502; 21, 217) e na ocorrência do termo na *Teogonia* (603).

Os usos do verbo *μεμμηρίζω* na *Ilíada* associam a ideia de pensamento à indecisão, ou melhor, à hesitação da tomada de decisão que se desdobra em duas

<sup>5</sup> Cf. Hdt 4, 79.

possibilidades antagónicas (1, 189, ; 8, 167; 12, 199; 13, 455). E a dificuldade de uma tomada de decisão reflecte naturalmente preocupação. Na *Odisseia* o verbo surge nesta mesma acepção (4, 791; 6, 141; 10, 50, 151 *et alia*), mas são muito frequentes já os passos em que apenas o termo apenas significa «pensar» (1, 427; 2, 93, 325; 4, 117, 533; 5, 354; 9, 554; 10, 438, *et alia*). Hesíquio glosa o nome como «o que é difícil, terrível, digno de reflexão» (χαλεπά, δεινά, φροντίδος ἄξια).

A ligação semântica entre pensamento e preocupação encontra-se na própria língua portuguesa. Todos nos lembramos de ouvir gerações anteriores à nossa empregar o verbo *cuidar* no sentido de «pensar».

É do radical mer-/mor- que provêm no antigo alemão *mornen*, em inglês *mourn* e em francês *morne*, vocábulos que nos remetem todos eles para a ideia de angústia, tristeza, luto. A própria palavra *morna*, que designa um dos géneros musicais típicos de Cabo Verde, aplica-se a canções tristes, semelhantes ao nosso fado. A possibilidade de «morna» provir deste radical foi colocada por José Lopes da Silva, que vê no termo o resultado da influência francesa e inglesa nas ilhas. A tese não é, contudo, isenta de controvérsia<sup>6</sup>.

Como chegamos então à ideia de memória associada a este radical?

A hipótese de μέριμνα, que significa «cuidado» e começa por mer-, ter influenciado semanticamente μέριμερος é pouco provável, porque esta palavra está atestada pela primeira vez em Hesíodo nos *Trabalhos e Dias*, na descrição da idade do ferro (178)<sup>7</sup>; os poemas homéricos desconhecem-na por completo, mas o mesmo não se verifica com o verbo μερμερίζω como vimos.

Não será descabido pensar numa hipotética influência dos termos mais antigos, μέριμερος e μερμερίζω, na formação do termo mais recente μέριμνα e daí advir uma confusão semântica.

Ora, se considerarmos que μέριμνα tem também um redobro intensivo e que a final -μνα, por causa da presença do iota, não deve provir de um sufixo do tipo -μων ou -μα<sup>8</sup>, o radical de μέριμνα não seria μερ-, mas μν-. Uma vez que o termo em questão significa «cuidado» e também «pensamento»<sup>9</sup>, uma destas acepções explicar-se-á por via da presença de μερ- na formação da palavra; outra por via do radical μν-. Podemos então concluir que este último radical (μν-) também esteve também associado à ideia de preocupação, por via do prefixo

<sup>6</sup> No Congresso Internacional de Línguas Africanas, realizado na Universidade de Coimbra em Outubro de 2003, António Germano Lima, na sua comunicação intitulada «A Morna: Contribuições de Baltazar Lopes à compreensão da sua paternidade» defendeu outra posição.

<sup>7</sup> Cf. SAFO, frg. 1 Lobel-Page.

<sup>8</sup> Cf. CHANTRAINE, *Dictionnaire Etimologique*, Paris, Klincksieck, 1999, p. 687.

<sup>9</sup> A palavra μέριμνα aparece na literatura grega da época clássica com a acepção de «pensamento» e «espírito» (cf. Ésq., Ag. 460, *Persas* 164),

da palavra que a língua confundiu com o radical μερ- e que, já na língua grega, houve uma aproximação de μερ-/μop- à ideia de memória, numa palavra que tem um sufixo que com o radical terá sido confundido. Mais tarde, o latim vinculou o radical mer-/mor- à ideia de memória, e dele as línguas vernáculas receberam a palavra que mantiveram no mesmo campo semântico. Dizem os linguistas que a coincidência das letras iniciais de *memoria* com o redobro do perfeito latino *memini* levou a uma aproximação semântica entre o substantivo e o verbo<sup>10</sup>, no entanto, convém não esquecer que já em grego μερ- estava associado ao pensamento em μέριμνα e μερμερίζω.

Em suma, mn- continua nas línguas vernáculas a associar «pensamento» e preocupação em termos, por exemplo, como *to mind* e *to remind*. E, por sua vez, mer-/mor- continua a reunir nas línguas vernáculas as ideias de «angústia» e de «recordação» em palavras como *mémoire* e *morne*. Hoje numa época em que vivemos cada vez mais ignaros do nosso passado, estamos em ótimas condições para compreender como a angústia e a preocupação andam sempre de mãos dadas com o pensamento e a memória.

---

<sup>10</sup> F. MARTIN, *Les mots latins*, Paris, Librairie Hachette, 1976, p. 148.